

Crítica da comunicação e poder tecnológico

FRANCISCO R. RÜDIGER

Crítica da Comunicação (Paris, Seuil, 1992) não é livro fácil de classificar: embora discuta com relativa profundidade as teorias da comunicação, não é nesse plano em que se situa sua contribuição; também não se trata de uma análise das modernas mídias de massa, ainda que o tema esteja presente em suas páginas. Lucien Sfez, cientista político de formação, questiona a comunicação como ideologia e forma simbólica, enquanto discurso do poder da sociedade tecnológica avançada.

Conforme esclarece no prefácio à 2a. edição do texto, que serve de base à tradução brasileira, a comunicação pode ser enfocada de três ângulos: como prática, como saber e como ideologia; mas também como **forma simbólica**. O tratado que escreveu faz uso de todos eles, detendo-se sobretudo na análise do segundo, tendo em vista o objetivo de obter o desenho desta última dimensão. Destarte, o estudioso descreve de maneira às vezes fastidiosa como a comunicação serve de matriz fundadora de hipóteses nos mais diversos campos do saber atual (da psicologia cognitiva às ciências administrativas, passando pela física, biologia, economia e tecnologia), para mostrar como se estrutura epistemicamente um conjunto de pressupostos culturais que, baseando-se nos princípios da racionalidade tecnológica, não só reorganiza a totalidade da vida social, mas tende cada vez mais a fazer com que pensemos como máquinas no contexto de nossa cultura.

A perspectiva sabidamente não é nova, encontrando-se, no livro, sob a forma de um grande estudo de caso sobre o impacto das chamadas tecnologias do espírito sobre o processo comunicativo, cujo pano de fundo foi tecido há tempo, entre por outros, por M. Heidegger, L. Munford e J. Ellul. Heidegger parece-nos a referência fundamental para compreender a empresa do autor que, no entanto, menciona-o apenas de passagem, deixando sem o devido esclarecimento o conceito de **forma simbólica** que estrutura o conjunto de sua reflexão. Realmente, verifica-se que essa **forma simbólica**, "através da qual construímos o mundo... sem que possamos perceber, na medida em que se, por um lado, a utilizamos, ela, por outro lado, nos

envolve* (p. 14), não é senão uma tradução do conceito heideggeriano de **imagem do mundo**, e a hipótese defendida no texto de que atualmente essa forma passa por um processo de reordenamento por parte das chamadas tecnologias do espírito corresponde à idéia do filósofo alemão de que a modernidade consumada não é senão "o frenesi sinistro da técnica desenfreada e da organização sem raízes do homem normalizado", sugerida em *Introdução à Metafísica* (1935).

O verdadeiro interesse do livro todavia se encontra menos nas variadas tentativas de mostrar como a categoria da comunicação ao mesmo tempo informa e mascara esse processo do que na tese de que, em virtude dele, estamos assistindo hoje ao próprio **fim da comunicação**. Conforme sabemos, nossa época é a da calda dos referentes (H. Lefebvre). Seguindo-se de longe a filosofia do espírito hegeliano, falou-se já no fim da história, do político, do social, das ideologias, etc. Agora, anuncia-se o fim da comunicação: "pessimistas e otimistas em relação à comunicação confrontam-se no território do sonho todavia comum de que a comunicação ainda existe como objeto, quando de fato ela desapareceu. Denunciar a má comunicação e fazer o elogio da boa dá exatamente no mesmo. O debate não se coloca onde deve estar: no tautismo, em suas formas, seu nascimento, seus produtos e seus efeitos" (p. 437).

Tautismo - o neologismo é peça central na bateria de expressões e conceitos de que o autor lança mão, servindo para designar a metafísica hoje dominante, a forma simbólica que ordena a comunicação na atualidade. A palavra é formada pela contração dos termos teutologia (fundamento do princípio lógico da identidade: A = A) e autismo (a condição do sujeito humano fechado em si mesmo). No Ocidente moderno, explica-nos o autor, o conhecimento da realidade e intervenção sobre as coisas baseou-se primeiro nos princípios da **representação**, metaforizados na figura da máquina. Posteriormente, os simbolismos fundamentais ou - para empregarmos um conceito foucauldiano que nos parece válido nesse contexto, tendo em vista não ser menos deverdor da reflexão heideggeriana - a **episteme** vigente passou a associar à representação os princípios da **expressão**, metaforizados na figura do organismo. Atualmente, verifica-se um processo através do qual as tecnologias de ponta estão transformando a realidade representada em realidade expressada; a complementariedade que eventualmente havia entre ambos os princípios está dando lugar a um estado de crescente **confusão**, no qual desapareceu a distância que, na representação, separava o sujeito do objeto e, na expressão, a totalidade das partes, o contexto do texto, constituindo a supracitada figura do **tautismo** - a racionalização tecnológica do conjunto da vida social - cuja metáfora é (a

sociedade) **Frankenstein**.

Programaticamente, *Crítica da Comunicação* pode ser lido por isso como uma continuação da descrição arqueológica das diversas epistemes que se sucederam em nossa cultura feita por M. Foucault em *As palavras e as coisas*. Neste texto, ficamos sabendo que a estrutura profunda que regula a produção do saber moderno obedeceu sucessivamente a três princípios. Durante o Renascimento, vigorava ainda o princípio da similitude das coisas; posteriormente, no período clássico (francês), o saber passou a depender da ordem das representações, para, chegado o século XIX, ingressar na ordem da História. Segundo Sfez, o desenvolvimento das novas tecnologias consumou simbolicamente a morte do homem, da categoria do sujeito, sugerida pela pesquisa foucauldiana, como se pode constatar analisando a maneira como a prática dos diversos ramos do saber transforma a comunicação em novo princípio de ordenamento da episteme ou forma simbólica dominante na sociedade.

O conhecimento tradicional da comunicação construiu-se, segundo o autor, dentro das duas primeiras epistemes referidas em sua pesquisa. Ao esquema da *bola de bilhar* (conhecido também como da *agulha hipodérmica*), por exemplo, corresponde a forma simbólica da representação. Ao esquematismo expressivo corresponderiam, por sua vez, as concepções teóricas que destacam o caráter contextual, interativo e multifuncional do fenômeno, presentes, por exemplo, nos estudos da Escola de Palo Alto. O desenvolvimento cada vez mais autônomo da tecnologia e a crescente influência de suas principais interfaces com o homem, a psicologia cognitiva e o estudo da inteligência artificial, todavia têm feito que esse universo de saber se dissolva. Atualmente, verifica-se na realidade uma progressiva supressão da distância entre o sujeito e o objeto, a par de uma interação cada vez mais funcional entre os seres humanos, cuja expressão teórica podemos encontrar, por exemplo, no conceito de cultura do simulacro confeccionado por J. Baudrillard.

Segundo Sfez, o resultado disso é a condução dos paradigmas teóricos da comunicação à situação extrema em que, à primeira vista, não há mais nada a dizer, porque não há mais nada a se entender como real, restou-lhes como objeto apenas "a repetição, artificial, de um em si esvaziado de realidade até o ponto de se confundir com seu duplo [tecnológico]" (p. 110). A reflexão teórica todavia não faz senão expressar o fato de que a comunicação está se tornando, pouco a pouco, "a repetição imperturbável do mesmo (tautologia) no silêncio de um sujeito morto, ou surdo-mudo, encerrado em sua fortaleza interior (autismo), captado por um grande todo que envolve e dissolve até o menor de seus átomos" (p. 111). A sociedade da comunicação

cujas proclamas se ouve por toda a parte não é, portanto, senão um construto ideológico que oculta o fim da comunicação.

A verdadeira comunicação realmente morre com o tautismo, pois sua dinâmica passa a se basear, uma vez nele, na total confusão entre emissor e receptor. "Num universo onde tudo comunica, sem que se saiba a origem da emissão, sem que se possa determinar quem fala, se o meio técnico ou nós mesmos, neste universo sem hierarquias, onde a base é o topo, a comunicação morre por excesso de comunicação, consumindo-se numa interminável agonia de espirais" (p. 47). A sociabilidade sucumbe a um fechamento sistêmico, dependente das diversas redes de transmissão de mensagens que, por princípio, excluem toda apropriação individual ou comunitária (p. 437). Em última instância, configura-se dessa forma uma espécie de sistema totalitário, cujo cunho mais insidioso, porém, provém do fato de tornar a comunicação matéria de crença (ou argumento teológico), que conduz os homens a procurarem a solução de seus males naquilo que, visto mais de perto, não é senão sua própria causa: a tecnologia.

Fazendo uma avaliação, julgamos que o problema com o livro não é bem o da adequação de suas análises à realidade empírica, como de certo apontaria essa classe de porta-vozes do óbvio, que é a dos chamados estudiosos da recepção na **communication research**. A auto-compreensão da pesquisa em foco sem dúvida é deficiente, procedendo a totalizações indevidas, generalizando de maneira desmedida; mas, de fato, do que se trata é da análise de uma **formação cultural complexa**, prática e teórica, que, conforme o livro documenta, possui já raízes bem profundas nas sociedades avançadas, particularmente naquela em que se situa o horizonte espiritual de todas as demais, os Estados Unidos. Por outro lado, Slez mostra uma certa ciência disso na conclusão, contrapondo a comunicação ordinária, a conversação cotidiana, por definição ambígua e aberta, às pretensões tecnocêntricas da interação tautista que dia-a-dia se impõe sobre nossa sociedade. De resto, não fosse assim, ele não teria como explicar por que sua própria crítica, produzida dentro do contexto dessa sociedade, escaparia ou estaria imune ao contágio dos princípios, práticas e conceitos cuja legitimidade questiona em sua pesquisa.

Nesse sentido, realmente nos parece estranha em seu livro, sim, a contestação do poder explanatório da contribuição habermasiana ao desenvolvimento de uma teoria da ação comunicativa, já que as principais idéias do texto, segundo nos parece, convergem de todo com a tese da colonização do mundo vivido pela técnica (tecnificação da experiência) defendida pelo pensador alemão, também este descobre em nosso tempo um processo (não resolvido) de subsunção da comunicação cotidiana à

racionalidade sistêmica, que se encontra na base do mal-estar na modernidade. Descartando essa contribuição, o estudo em foco privou-se de um possível acesso a um conjunto de recursos teóricos que seguramente ter-lhe-iam permitido evitar seus principais prejuízos, ou seja, o reducionismo tecnológico, o déficit normativo e a carência de uma chave de leitura mais consistente.

Lucien Sfez de fato peca, segundo nosso ver, ao distinguir entre técnica e tecnologia, para fazer dessa última um poder autônomo. A tecnologia, por si só, não institui uma política, não modela uma sociedade, considerando que seu processo de posição depende, nesse plano, dos mecanismos de mercado, do racionalismo capitalista, e a sua natureza de poder responde sempre a um conjunto de problemas que, embora possam ser condicionados pelo seu estágio de desenvolvimento, resulta dos chamados fatores políticos, dos fatores que de um modo ou de outro envolvem o governo dos homens e da sociedade. A racionalidade tecnológica possui uma autonomia relativa, dependente que é dos racionalismos que comandam a economia e a política, de modo que toda tentativa de explicá-la à margem desses processos implica uma mistificação que só tende a reforçar aquela promovida por seus ideólogos.

Em termos normativos, verifica-se por sua vez que, considerando de maneira mais detida as análises habermasianas, o autor talvez poderia ter evitado a valorização, dificilmente sustentável do ponto de vista epistêmico, da comunicação assentada basicamente numa hermêutica tradicional (Cf. as razões no debate entre Habermas e Gadamer). Restabelecer o primado do senso comum passado pela tradição, confiando no seu possível emprego com bom senso, não é só deixar a porta aberta a todo tipo de política e exploração irracional, mas resignar-se com padrões de conduta com escasso poder de crítica em relação à racionalidade dominante. Além disso, podemos nos perguntar se há realmente vantagem em substituir os códigos de interação social e leitura do real baseados em mecanismos sistêmicos por outros nos quais o principal mérito identificado é a falta de transparência, defende-se justamente a falta de racionalidade.

Finalmente, constata-se que, carecendo de um conceito mais claro de mal-estar na cultura, a pesquisa em questão revela-se portadora de uma inclinação à negação abstrata, mostra um certo déficit de sentido em suas críticas à tecnocomunicação, motivadas por um sentimento moral que percebemos vigoroso, mas na maioria das vezes não nos oferece razões, porque é incapaz de precisar seus fundamentos valorativos e horizontes de interpretação. Quais são os sintomas de crise do problema enfocado? Sfez não responde a essa pergunta em seu trabalho e, assim, deixa de contar com um elemento capital na costura de seu texto, uma referência discursiva capaz

de servir de parâmetro de avaliação interno para o leitor julgar suas diversas análises.

Crítica da Comunicação constitui por tudo isso tratado que não faz jus às suas pretensões e volume. Certamente, representa um esforço de pesquisa e reflexão acima da média, nutrindo-se de recursos conceituais que, situando sua temática no horizonte de uma cultura, o destacam da pasmaceira empirista que domina seu campo disciplinar. Entretanto, contrariamente às ambições contidas em seu título, impossível de ser dissociado dos motivos que presidiram, ainda na aurora dos tempos modernos, o projeto kantiano, constitui livro sem a correspondente auto-suficiência, um astro sem luz própria, válido pelo trabalhoso mapeamento das disciplinas e programas de pesquisa que hoje colaboram para formar a episteme e o poder da comunicação, mas que, para ser bem utilizado, precisa ser situado noutro quadro de referência, dentro de uma constelação intelectual mais profunda esclarecedora.

FRANCISCO R. RÜDIGER

Prof. FAMECOS - PUCRS e FABICO - LIFRGS